

tempo, mas, sem prejuízo para a dimensão histórica da obra, o que mais pode interessar a um encenador cujo trabalho é dirigido a um destinatário inscrito no tempo presente, em 2007, será o eco de tal texto na sociedade atual, pondo a fábula no sentido brechtiano da peça, os temas e o discurso que a compõem a discursar sobre o destino das obras, no e do passado, e em última instância, sobre a Literatura hoje.

Sanches, Manuela Ribeiro (org.), *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa, Cotovia, 2005.

Sanches, Manuela Ribeiro (org.), *Portugal não é um país pequeno. Contar o 'Império' na Pós-Colonialidade*. Lisboa, Cotovia, 2006.

José Alberto Ferreira

Centro de História da Arte e Investigação Artística da

Universidade de Évora

jaf@escritanapaisagem.net

Das viagens da teoria

1. Há livros capazes de desarrumar o mundo. Foucault disse-o quando lembrou a permeabilidade do pensamento moderno a pensar o impensável e a permanentemente deslocar os limites. São muitas as radicais formulações que durante o século XX o confirmaram. Os dois livros sobre os quais me debruço aqui são livros desses: o primeiro porque funda(menta) um campo de estudos em clara expansão entre nós (expansão precedida de fortes resistências académicas e disciplinares); o segundo porque dá corpo a uma re-leitura das relações entre a nação, a europa e o império, atenta à história recente e às consequências do novo quadro teórico dentro do qual opera. Dois livros fundamentais para o pensamento contemporâneo sobre Portugal, alicerçado nos cruzamentos disciplinares e na matriz das teorias pós-coloniais, teorias em viagem e em devir.

2. *Deslocalizar a Europa*, editado pela Cotovia (no final de 2005), com organização de Manuela Ribeiro Sanches (Centro de Estudos Comparatistas), é um desses livros que desarrumam o mundo, como disse. Pela direcção teórica e pela amplitude das suas consequências, *Deslocalizar a Europa* faz o que promete no título e submete este território de tantas ideias e ideários, de tantas relações e teorias, a uma deriva: já não estamos aqui.

Mas também pelos textos fundadores que, à data da publicação, estavam pouco ou nada traduzidos para português (casos de Bhabha, Chakrabarty, Pratt ou White). Precedidos de uma excelente introdução da organizadora, programática e minuciosa, são nove os textos editados, todos datados do último quartel do século XX, entre 1976 (o mais antigo, um ensaio de Hayden White onde se evidencia a proximidade das estratégias discursivas dos universos ficcional e historiográfico) e 2000, um texto de Dipesh Chakrabarty onde se aborda a questão das minorias e do seu lugar enquanto 'subalternos' excluídos da história. Pelo meio ficam textos de Edward Said, Homi K. Bhabha ou Hal Foster, entre outros, e cruzam-se horizontes disciplinares que vão da arte à historiografia, da antropologia à literatura no travejamento de um campo novo reconhecível sob a designação de Pós-Colonial.

Deslocalizar é conceito que as vicissitudes da economia global nos forçam frequentemente a usar, reportando-se à transferência de empresas para países onde a mão-de-obra abunda barata e mal paga. É conceito de mobilidade e trânsito, portanto. Mas aqui é a Europa que se deslocaliza, isto é, se coloca face a povos, culturas e lugares que frequentemente tratou como periféricos ou subalternos, que dominou imperialmente ou cuja história submeteu à *sua* ordem do discurso. E que faz a Europa nesse trânsito? Encontra-se a braços com os pontos de vista do Outro, reformula-se e debate os seus discursos, métodos e posições: os estudos pós-coloniais encontram aqui o seu território de eleição. É isso que deslocaliza a Europa e é disso que o volume aqui em apreço se faz.

Não é de estranhar que a Antropologia detenha um tão central lugar neste contexto, disciplina da condição do Outro por excelência. Veja-se o texto de James Clifford (de 1988) que discute a legitimação da "autoridade etnográfica" e evidencia as suas fundações retóricas, pondo em destaque as conexões coloniais de certas etapas da etnografia. Ou o de Johannes Fabian, atento ao modo como na

Antropologia as representações do Outro se fundam em convenções de discurso, com particular ênfase para os da temporalidade historicizada («o Outro é forçosamente parte do passado do sujeito cognoscente»), processo que, com recurso a instrumentos de análise linguística, o autor desmonta minudentemente.

2. 1. Mas a perspectiva é plural. Homi K. Bhabha (1994), um dos maiores teóricos do Pós-colonialismo, parte preferencialmente do campo dos Estudos Literários e da literatura comparada, dando a Lacan e à psicanálise um lugar capital. No texto antologado («A questão Outra»), Bhabha, indiano de origem, de formação britânica e actualmente baseado nos EUA, ocupa-se da representação do Outro no discurso colonial, a partir da leitura de *Pele negra, máscaras brancas*, o texto emblemático da luta contra o colonialismo, de Franz Fanon (de 1952).

Mary Louise Pratt, também ela vinda do campo dos Estudos Literários, opera no seu ensaio (de 1994) uma inversão, ao introduzir um ponto de vista radical e literalmente do Outro no debate. A partir de um episódio da história colonial peruana, Pratt confronta as formas de presença colonial no Perú e as formas de *auto-etnografia*: forma de auto-representação «alternativa» reclamada por um grupo subordinado perante um grupo dominante (pp. 256-257). Pratt conclui pela permanência dessas formas de «consciência cultural de si mesmo» (p. 257), mesmo que apenas com efeitos dentro da comunidade que as produziu. Mas a introdução do olhar do Outro no quadro das representações de poder comporta consequências que ainda não estão esgotadas.

O ensaio de Hal Foster com que a antologia se encerra (e que, à força de faltarem traduções, foi traduzido e publicado em Portugal 2 vezes no espaço de um ano), equaciona o lugar do «Artista como etnógrafo», originalmente integrado no seu *Retorno do real* (1996). A perspectiva é ainda a de uma deslocação: o artista supera as dicotomias arte-política / forma-conteúdo, marcante nos debates da primeira metade do século XX, perfilhando o ponto de vista da *alteridade*: «é em nome do outro cultural e/ou étnico que o artista comprometido luta» (p. 261). Num debate que ainda está em aberto, as razões desta deslocação passam largamente pela antropologização das práticas artísticas (mas também políticas e teóricas) e pela profunda revisitação crítica do lugar da antropologia na arte (literatura, teoria, história) contemporânea.

2. 2. Deixo para último o primeiro dos textos antologados: «Reconsiderando a teoria itinerante» (1994), de Edward Said. Como o título faz ver, é um texto de regresso, onde Said revê «Teoria itinerante», um seu ensaio de 1983, e pondera as suas consequências. Onde antes equacionava as viagens da teoria como razão de perda (a itinerância de uma teoria comportaria uma perda de radicalidade, por via do diverso contexto de recepção), Said sublinha agora as virtualidades dessa viagem: «lugares, sítios e situações [são] activamente diferentes para a teoria, sem universalismos fáceis ou totalizações generalizadoras.» (p. 42). A exemplificação, que não posso aqui resumir, explora o modo como Fanon leu Lukács, ou como Adorno leu Schönberg, Alban Berg ou Webern (o outro contexto) também a partir da recepção de Lukács (a teoria itinerante). A concluir, Said evidencia o lugar privilegiado da teoria como *exílio*: o próprio da teoria é viajar «para além dos seus limites, emigrar, permanecer em certo sentido no exílio» (p. 41). Não o universalismo das grandes narrativas, mas o desafio da viagem e das suas consequências.

Livro dos que desarrumam o mundo, como disse, este *Deslocalizar a Europa* é-o em primeiro lugar por constituir em português um fundamental *corpus* de referência incontornável do pensamento contemporâneo, mesmo perante aqueles que por vezes recusam como importação do academismo americano a agenda pós-colonial (como outras). É que, mesmo que assim fosse, a viagem é inevitável. E o desafio é o de, como disse ainda Said, imaginar para onde a teoria viaja.

3. O segundo volante desta ‘viagem’ intitula-se *Portugal não é um país pequeno*, conjunto de textos organizado por Manuela Ribeiro Sanches e editado pela Cotovia no fecho de 2006 a completar o arco de inquirição teórica e de debate lançado por *Deslocalizar a Europa* (de 2005). Apresenta-se este volume dividido em 5 partes, 4 blocos de ensaios e um comentário final, a cargo de Miguel Vale de Almeida. Uma introdução, da autoria da organizadora, abre o volume com o ‘estado da questão’ e um mapeamento rigoroso dos contributos. Objectivos do livro: aplicar os dispositivos teóricos estabelecidos no primeiro volume à leitura das representações de Portugal e do Império, entre passado colonial e presente europeu. As duas direcções dão ao leitor a justa medida da actualidade da abordagem, quando não da sua efectiva necessidade.

Contar o império, neste contexto, é “indagar as estreitas relações que sempre existiram entre a nação e o império, entre o espaço ‘metropolitano’ e ‘ultramarino’” (pág. 10), situando o território nacional na circunstância actual de uma Europa global, atravessada também ela por tensões e inquirições (o lugar do Outro nas migrações ou o debate sobre a multiculturalidade são disso exemplos emblemáticos).

4. Como já se sabia (das viagens da teoria que o volume *Deslocalizar a Europa* desenha), esta inquirição passa por práticas e saberes de algum modo nucleares: a antropologia, a literatura, a história. A primeira secção do livro dedica-lhes particular atenção, relendo Eça de Queiroz em busca da ‘sombra’ do império (Laura Cavalcante Padilha) ou António Lobo Antunes (Margarida Calafate Ribeiro analisa *Os cus de Judas* e *O esplendor de Portugal*). A narrativa de Lobo Antunes é lida como lugar de manifestação de vozes subalternas (no sentido de Spivak), externas ao cânone oficial da história e, por isso, verdadeiros manifestos contra o silêncio do regime (mas deveria dizer *dos regimes*) perante a (memória da) ruína da casa portuguesa. Ainda na mesma secção, um texto de João Leal (especialista em história da antropologia) aborda as relações entre a narração antropológica e a construção do império. A história da antropologia portuguesa, onde pontificam nomes como Teófilo Braga no séc. XIX e Jorge Dias no século XX, aparece-nos, neste ensaio, atravessada pela ‘sombra’, quer dizer, ocultação, do discurso construtor do império. Se essa foi em tempos missão da história (oficial), equacioná-la na antropologia ilumina as ramificações e diversidade das narrativas imperiais da identidade portuguesa.

É a este campo que se dedica a segunda secção do livro, intitulada “Histórias do Império: o papel da antropologia”, onde se reúnem textos de Ricardo Roque, Leonor Pires Martins e Harry G. West. Este último revisita um autor já tratado no artigo de João Leal, acima referido. Trata-se de Jorge Dias (ou da parceria Jorge Dias/Margot Dias), cujas investigações revisita (mormente as desenvolvidas junto dos Maconde, em Moçambique), proporcionando uma leitura atenta dos trabalhos de campo e do percurso de Jorge Dias.

5. A terceira secção do livro dedica-se a “Outras histórias”, integrando a história dos cereais, das colheitas e dos hábitos culinários num debate agudo em torno da globalização (Akhil Gupta, professor de Antropologia Cultural em Stanford). Ou o contributo de Beatrix

Heinze para a compreensão do canibalismo em Angola, revendo e desmontando versões oficiais e narrativas dominantes relativas a um dos temas mais antigos na constituição do discurso colonial. A mesma secção inclui ainda um estudo sobre Goa, abordando os sinais de discriminação e exclusão que atravessam os discursos imperiais, e outro artigo sobre literatura indígena no Brasil, onde a autora, Lúcia de Sá (especialista nesta área e catedrática na Univ. de Manchester), analisa um texto autobiográfico de um índio, Kaká Werá Jecupé, publicado nos anos 90 do século XX, em São Paulo, Brasil. Um lugar inesperado para a manifestação desta voz subalterna, em reivindicação da diferença face às narrativas da ‘comunidade imaginada’ brasileira.

A última secção do livro aponta do império para a Europa. Nela, textos de Fernando Clara, Inocência Mata, José Fernandes Dias e Paulo de Medeiros traçam horizontes de inquirição entre a inequívoca condição pós-colonial e a condição europeia. Mas “em que Europa?”, pergunta o título, sinalizando o quanto de negociação, deslocação, problematização e inquietação conceptual se podem encontrar neste território. Realidades emergentes a par de outras que vão ganhando terreno no espaço discursivo dominante (dos média às disciplinas académicas) encontram aqui expressão e são, nessa justa medida, a evidência das virtualidades e até da urgência deste projecto. A leitura do comentário de Miguel Vale de Almeida com que o volume se encerra não deixa de o confirmar.

António Apolinário Lourenço y Osvaldo Manuel Silvestre (coord.), *Literatura, Espaço, Cartografias*. Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2011.

M^a Jesús Fernández García
 Universidad de Extremadura
 mjesusfg.merida@gmail.com

A poco que se coteje el panorama de publicaciones en el ámbito de los estudios literarios de las últimas décadas, se hace evidente que la problemática del espacio literario se ha reubicado